

Títulos brasileiros só serão aceitos com alta rentabilidade

Silvio Ferraz
correspondente

WASHINGTON — “Os títulos da dívida brasileira oferecidos aos bancos deverão ter uma rentabilidade maior, caso contrário correm o risco de ficar encalhados no mercado financeiro”, informou uma alta fonte de Wall Street envolvida nestas negociações ao JORNAL DO BRASIL. Enquanto um título de longo prazo do governo americano dá aos seus tomadores uma remuneração de 10% ou 11% ao ano, os brasileiros estão discutindo em torno de 5% a 7%.

“Será difícil para os bancos aceitar, pois teriam que contabilizar prejuízos em seus balanços”, frisou. Assim, a proposta inovadora do ministro Bresser Pereira terá que saltar obstáculos difíceis até chegar à realidade do mercado financeiro.

A reação dos bancos continua variada, embora nenhum deles tenha se manifestado com entusiasmo pela alternativa da conversão de parte da dívida em títulos. “A proposta brasileira é sensata e dura. Ainda não sei se os bancos irão rechaçá-la ou procurar termos de negociação com o Brasil”, acentuou uma fonte oficial em Washington. “Os grandes bancos não gostam de novidades, mas terão que ir se habituando a escutar este tipo de proposta”, ponderou uma analista do mercado financeiro. A tarefa de tornar os títulos brasileiros mais palatáveis ao gosto dos banqueiros está por conta de um time formado por membros do Banco Central do Brasil e do First Boston — a entidade que mais colocou títulos públicos do Tesouro americano no mercado internacional.

A maioria dos credores não pensa ser a conversão de parte da dívida brasileira em títulos de longo prazo uma questão meramente de juros. Para eles, é preciso cercar este novo papel de garantias e características que os tornem atraentes e aceitáveis. Lembrando o caso argentino — que tentou o mesmo caminho e fracassou — um analista afirmou que esta lição está sendo lida e relida três vezes ao dia pelos negociadores brasileiros, com o objetivo de evitar o mesmo desastre. Para ele, os argentinos cometeram dois erros capitais. O primeiro, oferecer uma remuneração baixíssima — entre 3% a 4%. O segundo, não conseguir passar para os credores a impressão de que estavam trocando um ativo com juros de mercado por um título de dívida de melhor qualidade.

Alguns bancos europeus já se mostram dispostos a assimilar os títulos brasileiros desde que não tenham mais que participar de empréstimos para o Brasil. “Para estes, é quase uma questão de evorcismo. Os empréstimos brasileiros em suas carteiras são verdadeiras obras do demônio”, ironizou um banqueiro.